

## APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que anunciamos o terceiro número da décima-sétima edição da revista *Scripta Uniandrade*, cujo primeiro texto, intitulado “Minhas madrugadas com *Frankenstein*: breve reflexão sobre autômatos e a tradução de um clássico”, proferido em forma de palestra por Christian Schwartz durante o *XI Seminário de Pesquisa da Uniandrade* (2019), versa sobre a tradução dos clássicos em geral, e sobre a sua recente tradução de *Frankenstein*, de Mary Shelley, em particular. No ensaio, o autor reflete sobre uma realidade, um tanto “frankensteiniana”, de que hoje a quase totalidade das traduções é realizada com o auxílio de máquinas. Aponta, ainda, que no meio desse cenário devastador, o tradutor de literatura é privilegiado, pois até hoje não se tem notícia de que romances, contos ou poemas possam ser traduzidos satisfatoriamente por algoritmos. Após passar em revista algumas (im)possibilidades da tradução automatizada, Schwartz conclui que, assim como Frankenstein, “um autômato com aspirações ao que é inapelavelmente humano sempre termina por se revelar um monstro”.

A seguir, apresentamos dez estudos reunidos sob o eixo temático “Shakespeare: esferas de circulação”, escritos por pesquisadores da área, alguns dos quais foram objeto de discussão no Simpósio “Territórios shakespearianos pouco explorados: esferas de circulação, leituras e releituras”, coordenado por Fernanda Medeiros (UERJ), Leonardo Bérenger (PUC/Rio) e Anna Stegh Camati (UNIANDRADE), durante o *XVI Congresso Internacional da ABRALIC*, realizado em julho de 2019 na Universidade de Brasília.

No artigo de abertura da seção temática, intitulado “De Roma a Verona: espaços trágicos shakespearianos”, Marlene Soares dos Santos fala sobre a negligência da crítica shakespeariana em relação aos espaços geográficos onde as tramas se desenrolam, lembrando que na época elisabetana, devido à expansão de fronteiras por conta das descobertas marítimas, o teatro, em uma época carente de meios de informação, incluía nas peças referências constantes das novas cartografias do globo terrestre. A partir desse preâmbulo, a autora mostra como a geografia contemporânea é incorporada ao processo criativo de Shakespeare, principalmente nas tragédias, resultando em espaços dramáticos memoráveis, os quais possibilitam inúmeras leituras.

Em “Transconstruindo Shakespeare no palco e nas telas”, Marcel Álvaro de Amorim reflete sobre a eficácia do conceito de antropofagia no sentido de iluminar a nossa compreensão a respeito da ressignificação de textos shakespearianos em inúmeros contextos culturais translocais e a partir de

diferentes pontos de vista. A partir dessa ótica, Amorim apresenta os seguintes questionamentos: Qual é o estado da arte no campo de investigação amplamente conhecido como *Global Shakespeare*? Que abordagens teórico-metodológicas têm guiado pesquisadores desse campo nas análises de produções shakespearianas realizadas ao redor do globo? E, por fim, o autor indaga de que maneira a perspectiva antropofágica pode ser vista como um modo de conceber Shakespeare como um autor translocal. A versão brasileira da tragédia dos amantes de Verona, enquanto processo e produto, é analisada por Marcia do Amaral Peixoto Martins em “*Romeu e Julieta: o teatro de Shakespeare em adaptação musical*”, um espetáculo criado por Gustavo Gasparani e Eduardo Rieche, com direção de Guilherme Leme Garcia. A análise, ao focar prioritariamente a encenação, mostra que o diferencial dessa montagem foi incorporar à ação dramática canções já existentes e conhecidas, das quais 15 são de Marisa Monte, levando o musical a ser divulgado como “*Romeu + Julieta ao som de Marisa Monte*”.

A representação da subjetividade no drama shakespeariano é o foco principal do artigo “What Does a Shakespearean Character Say When He or She Says ‘I’? Exploring Notions of ‘Self’ in Shakespeare’s Drama”, escrito por Fernanda Teixeira de Medeiros. A autora discute os modos pelos quais Shakespeare constrói as experiências de si de seus personagens em tragédias, comédias, romances e peças históricas, propondo um exame da noção de identidade (*self*) na modernidade nascente. Por outro lado, em “Kyd e Marlowe: um panorama do teatro elisabetano encontrado por Shakespeare e seu uso em *Henry IV*”, Leandro Tibiriçá de Camargo Bastos apresenta técnicas poéticas utilizadas por antecessores de Shakespeare, principalmente Thomas Kyd e Christopher Marlowe, nas quais Shakespeare, no início da carreira, apoiou-se largamente na escrita de suas peças.

O artigo de Leonardo Bérenger, “*O Rei Lear* entre a Inglaterra Jacobina e a Restauração” segue a linha da contextualização histórica. O autor examina as relações tópicas que *O Rei Lear*, de Shakespeare, e a adaptação da tragédia por Nahum Tate estabelecem com seus contextos políticos. Enquanto o texto de Shakespeare, escrito no início da era Stuart, remete à turbulenta relação política entre Jaime I e o Parlamento; *The History of King Lear*, de Nahum Tate, evoca a Crise de Exclusão de Jaime II e o aumento de poder do Parlamento. Em “The King is Dead, Long Live the King: Shakespeare’s *Richard III* and Its Early Stage History”, Fernanda Korovsky Moura relata que *Ricardo II* foi levada ao palco pela primeira vez em c. 1595, mas não ganhou popularidade. A seguir, a autora enfoca duas montagens do século XIX em Londres, quando a peça voltou à cena sob o viés do “medievalismo” em espetaculares produções, como a de Edmund Kean, no Teatro Real Drury Lane, em 1815, e a produção “arqueológica” de Charles Kean, em 1857, no Princess Theatre. Por meio de uma abordagem fundamentada em Anderson, Fernie e Gil, Filipe dos Santos Ávila, em “Anatomy Monstrous: Politics in

Contemporary Productions of William Shakespeare's *Titus Andronicus*" investiga as montagens de Michael Fentiman (2013) e Lucy Bailey (2014). Focando a análise na relação entre os momentos mais violentos da peça e a submissão – ou resistência – das personagens ao poder estatal, o autor conclui que tais montagens contemporâneas revelam ideias complexas sobre poder, liberdade e política, precisamente em momentos de violência extrema.

Na sequência, o ensaio de Marina Martins Amaral, "Ophelia in Western Art: An Analysis of Pictorial Representations of the Character Before Madness" aborda representações pictóricas da Ofélia shakespeariana antes da cena da loucura, oferecendo uma discussão sobre submissão, obediência, patriarcado, ingenuidade, sexualidade e sensualidade. Por fim, completando a seção temática, o artigo de Márcia Regina Becker. "Experiences at the Royal Shakespeare Company (RSC) Education Department" fornece uma visão abrangente sobre a área voltada à educação da instituição, a qual promove cursos e workshops em parcerias de longa data com escolas e teatros regionais de todo o Reino Unido, objetivando levar o legado de Shakespeare a um público cada vez mais amplo.

A seção "Varia" conta com quatro artigos. O primeiro, "John Milton as a Protestant Authority in Alice Milligan's *The Daughter of Donagh*", escrito por Beatriz Kopschitz Bastos e Andrey Felipe Martins, considera que entre as influências de Milligan, a obra de John Milton se sobressai, em especial na peça anunciada no título do ensaio, a qual dramatiza um tema essencial para compreender a divisão religiosa da sociedade irlandesa na virada do século XIX. A autora rompe com a hegemonia das formas inglesas no drama irlandês, buscando usar suas peças como um meio de difundir o conhecimento histórico. O segundo ensaio, "Um breve panorama histórico e crítico da escrita autobiográfica no Brasil – Momentos decisivos e figuras de destaque", de Daniel da Silva Moreira, mais do que enumerar autores e obras, propõe-se a refletir sobre alguns momentos fundamentais desse gênero literário, a partir da questão central do preconceito em relação às escritas de si. O texto busca compreender as origens desse menosprezo, o qual foi vencido, pouco a pouco, por meio da influência de algumas figuras relevantes no cenário das letras brasileiras, entre elas Mário de Andrade, Edgard Cavalheiro, Antonio Candido e Monteiro Lobato.

O terceiro texto, "Aspectos da visualidade no romance *A máquina de fazer espanhóis*", de Solange Viaro Padilha, destaca a aproximação do romance de Valter Hugo Mãe com a fotografia. A maneira pela qual o mundo do protagonista, o Senhor António Jorge da Silva, é configurado por meio de sua consciência e de suas memórias é evidenciado à luz de considerações teóricas de Boris Kossov (2005, 2012), Irina Rajewsky (2012), Roland Barthes (2012) e Susan Sontag (2004). Completando a seção, Rosa Maria Fina e Suzana Vieira, autoras do quarto artigo intitulado "Uma performance do corpo – cair para dentro do instinto humano", destacam dois fragmentos de *Cair para dentro*,

de Valério Romão, os quais, focando em um tema centrado em “afetividades dissidentes”, parecem sublinhar a construção duma individualidade excludente da tópica social que enfatiza o relacionamento dual como inabalável sistema de equilíbrio.

Na seção “Resenhas” destacam-se dois textos críticos que tecem comentários sobre dois livros publicados em 2018 e 2019 respectivamente. O primeiro, de Luís Roberto Amábile, expõe com clareza aspectos contemporâneos do livro *Devenir Écrivain – et se faire publier* (2018), de Alain Andre. O segundo, escrito por Janaina Mirian Rosa e José Roberto O’Shea, discute aspectos da temática desenvolvida no livro *Hamlet no Brasil* (2019), organizado por Anna Stegh Camati e Célia Arns de Miranda, qual seja um panorama histórico, em termos de concepção e recepção, de algumas das mais notáveis montagens brasileiras de *Hamlet* nos séculos XX e XXI.

Por fim, na seção “Termos e Conceitos”, Edson Ribeiro da Silva discorre sobre a questão “O que é autoficção?”, a qual, segundo sua visão, ainda não chegou a uma forma que possibilite delimitar exatamente quais obras literárias podem ser identificadas como tal, pois há uma oscilação no conceito, que vai da forma original, bem delimitada, a desdobramentos que têm se tornado cada vez mais inclusivos.

Agradecemos a todos os autores que contribuíram com textos nas diversas seções da revista, certos de que se trata de publicações relevantes para os campos da teoria e dos estudos literários. A nossa gratidão se estende aos pareceristas, pelo empenho e qualidade das avaliações realizadas, e à equipe editorial pelo apoio e comprometimento.

As editoras.